

FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIA EM NARRATIVAS DE VIDA / THE FORMATION OF THE LITERARY READER: READING EXPERIENCES AND REPRESENTATIONS OF CHILDHOOD IN LIFE NARRATIVES

Lígia R. M. C. Menna
Universidade Paulista (UNIP)
limax@unip.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a formação de leitores literários e diferentes representações de infância a partir de relatos de experiências de leitura e contatos com o mundo da imaginação apresentados em narrativas de vida. Para tal, elegemos como *corpus* um grupo de alunos do curso de Letras na modalidade EaD. Apresentaremos algumas conclusões preliminares de uma pesquisa que se inicia e que visa a contribuir, de maneira mais ampla, para a história da leitura e da Literatura Infantil no Brasil. Como referencial teórico, consideramos Philippe Lejeune (2014), Jerome Bruner (2014) e Colin Heywood (2004).

Palavras-chave: Leitura. Narrativas de vida. Formação do leitor. Literatura Infantil. Infância.

Abstract

This article aims to reflect on the formation of literary readers and different childhood representations from reports of reading experiences and contacts with the world of imagination

presented in life narratives. To this end, we selected as corpus a group of students from a Portuguese, English and Spanish undergraduate course in distance education mode. We present some preliminary findings of a survey that aimed at contributing, more broadly, to the history of reading and children's Literature in Brazil. As a theoretical framework, we consider Philippe Lejeune (2014), Jerome Bruner (2014) and Colin Heywood (2004).

Keywords: Reading. Life narratives. Formation of reader. Children's Literature. Childhood.

Introdução

Ao longo dos últimos anos, estudar Literatura Infantil, principalmente sua história e seu processo de formação, tornou-se nosso principal campo de pesquisa. Por extensão, consideramos seu público leitor preferencial a criança, e, por continuidade, a infância, delineada em diferentes concepções ao longo dos séculos.

Para a construção da história (ou de uma história) da infância, os gêneros confessionais (me-

mórias, narrativas de vida, autobiografias, diários íntimos), entre outros documentos, têm se constituído em uma rica fonte de pesquisa.

Assim, em busca de diferentes representações da infância, passamos a analisar algumas obras de cunho autobiográfico, por exemplo, *As Pequenas Memórias* (2006), de José Saramago, cujo conteúdo revelou-nos aspectos interessantes, principalmente no que concerne à formação literária, ou não, de um renomado escritor. Curiosamente, Saramago, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, viveu sua infância em casas sem livros, ou mais raramente com um único livro:

Ora, aconteceu que nessa casa onde não havia livros, um livro havia, um só, grosso, encadernado, salvo erro em azul-celeste, que chamava *A Toutinegra do Moinho* e cujo autor, se a minha memória ainda esta vez acerta, era Émile Richebourg [...] habilíssima pessoa na arte de explorar pela palavra os corações sensíveis e os sentimentalismos mais arrebatados [...] Este romance iria tornar-se na minha primeira grande experiência de leitor (SARAMAGO, 2006, p. 99).

Além desse livro, o autor nos revela que seus primeiros contatos com o mundo imaginário e com a efabulação deram-se, principalmente, por meio da transmissão oral (com as histórias contadas por seus avós analfabetos), pelos programas de rádio e pelos filmes de terror assistidos no cine Piolho em Lisboa.

Encontramos, por sua vez, um escritor como o búlgaro Elias Canetti, também ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, que vivenciou uma rica imersão nos livros para crianças, cuja leitura era mediada por seu pai, conforme nos relata em seu livro *A Língua Absolvida* (2010):⁸

Alguns meses depois de meu ingresso na escola, aconteceu algo solene e excitante que determinou toda a minha vida futura. Meu pai me trouxe um livro. Levou-me para um quarto dos fundos, onde as crianças costumavam dormir, e o explicou para mim. Trabalhava-se de *The Arabian Nights*, numa edição para crianças [...] (CANETTI, 2010, p. 51).

Será que tais diferenças na formação dos leitores poderiam ser verificadas em outros públicos, cuja formação literária também é de grande relevância? Que memórias de leitura nossos alunos do curso de Letras poderiam compartilhar? O que depreender dos dados obtidos?

A partir de tais questionamentos, na linha de pesquisa “Diferentes Gêneros Autobiográficos: sua Relevância Histórica, Social e Literária”, do grupo de pesquisas (GP) Encontros Interculturais na EaD: Narrativas de Vida dos Diferentes Brasis (UNIP Interativa), propusemos um fórum (Anexo 1) por meio do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para os alunos do curso de Letras na modalidade EaD.

É importante esclarecer que este foi um entre vários outros fóruns ocorridos no GP citado, de cujos objetivos destacam-se a interação e a inclusão dos alunos do curso de Letras EaD por meio da produção de suas narrativas de vida, em diferentes lugares e contextos do território nacional.

Não houve a intenção de produzir uma pesquisa ou enquête, com perguntas diretas para coleta de dados, mas de criar um espaço livre de discussão e reflexão sobre as memórias de leitura de nossos alunos, a partir das memórias de José Saramago. Eis as questões: “Vocês têm lembranças de suas primeiras leituras? Eram livros para crianças? Como eram as histórias? Havia ilustrações? Conte-nos um pouquinho sobre suas memórias de leitura e seus primeiros contatos com o mundo da imaginação”.

⁸ Estudo comparado sobre as memórias de infância de José Saramago e Elias Canetti: MENNA, L. R. M. C. Memórias de infância, experiências de leitura e Literatura: José Saramago e Elias Canetti. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 14., Belém, 2015. *Anais...* Belém: Abralic, 2015. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/?p=24&ano=2015>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

O fórum contou com a participação de 108 alunos de diferentes idades, semestres e modalidades (Português, Português/Inglês e Português/Espanhol) durante cerca de dois meses, de 8 de agosto a 19 de outubro de 2015. O fórum duraria cerca de 15 dias; contudo, prolongou-se devido ao interesse e à participação dos alunos, que interagiram uns com os outros e com esta professora.

Antes de apresentarmos os dados obtidos nesse fórum, vejamos alguns conceitos preliminares que nortearam nossa análise.

Gêneros autobiográficos ou confessionais

É preciso considerar que a definição de certos gêneros é complexa, limitadora e muitas vezes polêmica. Ao escolher gêneros da literatura confessional (gêneros autobiográficos, narrativas do eu) como objeto de estudo, deparamo-nos com alguns entraves e questões preliminares, muito discutidas, mas que ainda inquietam os estudiosos:

- Que nomenclatura usar?
- Como definir uma autobiografia?
- Autobiografias podem ser consideradas documentos históricos fidedignos?
- Um texto autobiográfico pode ser considerado literário em si?
- Até que ponto o “autor-narrador-personagem” não estaria construindo seu passado ficcionalmente?
- Uma narrativa de vida é uma autobiografia?

Em um primeiro momento, vejamos o que dizem alguns estudiosos a respeito dos gêneros confessionais e possíveis respostas para esses questionamentos. O grande estudioso das “escritas do eu”, Philippe Lejeune, define a autobiografia como

[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2014, p. 16).

Para o autor, há gêneros vizinhos à autobiografia que não preenchem todas essas condições, como as memórias, a biografia, o romance pessoal, o poema autobiográfico, o diário e o autorretrato. Memórias, por exemplo, seriam anotações de fatos, sobretudo os acontecimentos externos, como para se lembrar e lembrar o que aconteceu.

Incluímos aqui as narrativas de vida, que, segundo Bruner (2014), são as histórias contadas por aqueles que não têm voz, os quais devemos fazer ouvir, como nossos alunos do curso de Letras. Em contrapartida, nas autobiografias os autores já possuem uma voz própria, o que causa naturalmente a curiosidade dos leitores em saber mais sobre suas vidas, como é o caso de José Saramago e Elias Canetti.

Quanto ao aspecto ficcional e à forma literária da autobiografia, vista aqui de maneira bem ampla, podemos citar Heywood (2004), que, em seu livro *Uma História da Infância*, reconhece a autobiografia como objeto de estudo, mas destaca sua fragilidade factual como forma literária:

As autobiografias, por exemplo, podem parecer uma porta de entrada segura para o mundo da criança, mas um olhar mais próximo revela que se está lidando com uma forma literária completa, com convenções próprias. Acima de tudo, é “uma revisão da vida a partir de um momento determinado” e, portanto, implica necessariamente alguma construção do passado (HEYWOOD, 2004, p. 15-16).

Consideramos que é realmente tênue o limite entre o literário e o histórico, entre o imaginário e o factual, conforme nos aponta Remédios (1997):

Literatura centrada no sujeito, pois o sujeito é o objeto de seu próprio discurso, denomina-se confessional ou intimista e adquire configurações diversas. Os textos que a constituem são agrupados, segundo suas semelhanças, em conjuntos diferentes, os quais dão origem a um determinado gênero da literatura íntima. O limite entre um gênero e outro é bastante tênue, assim como o entrecruzamento desses gêneros é comum (REMÉDIOS, 1997, p. 9).

Além disso, o “eu” que narra não é mais o “eu” representado na autobiografia, nas memórias ou nas narrativas de vida. No caso das *memórias* de infância, o narrador adulto resgata sua imagem de criança e se observa com outro olhar, e constrói uma *representação* de sua infância, conforme podemos observar neste expressivo trecho, exemplo da força poética da linguagem saramaguiana:

A criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava [...] (SARAMAGO, 2006, p. 15).

Também é importante considerar que “a criação do eu” tem origem tanto interna quanto externa, conforme aponta Jerome Bruner:

A criação do eu é uma arte narrativa, e embora ela seja mais limitada pela memória do que pela ficção [...] A construção de si tem origem tanto interior quanto exterior. O interior dela [...] é constituído por memória, sentimentos, ideias, crenças e subjetividade. [...] Mas muito da autoconstrução vem de fora para dentro – baseia-se na estima aparente dos outros e na miríade de expectativas que nós, desde cedo, até mesmo sem pensar, recolhemos da cultura em que estamos imersos (BRUNER, 2014, p. 75).

Mesmo com tantas variáveis, nomenclaturas e definições incertas, limites tênues entre o factual e o ficcional, os gêneros confessionais, ou narrativas do “eu”, constituem-se em uma fonte rica e instigante, ora como objetos estéticos, ora como documentos históricos, “eus interiores”,

compondo uma teia social e cultural bastante complexa que fascina pesquisadores das mais diferentes áreas.

Concepções de infância

Como definir infância? Temos novamente um caminho tortuoso a seguir. As crianças sempre existiram, é óbvio, mas é preciso considerar que nem sempre o termo *infância* teve a acepção da atualidade.

Para Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família* (1981), o mundo medieval ignorava a infância, não percebia o período transitório entre a infância e a idade adulta. Somente a partir do século XVII houve uma evolução, um novo hábito da burguesia, com a acepção mais moderna do termo. Havia antes uma indiferença quanto aos fatores biológicos, pois a ideia de infância estava mais ligada à de dependência; um *petit garçon*, por exemplo, não era necessariamente uma criança – poderia ser um serviçal.

Colin Heywood (2004) reforça essa ideia e acrescenta que a infância só pode ser entendida como uma construção social, ou seja, os termos *criança* e *infância* são compreendidos de formas diversas, em diferentes épocas e lugares, estando condicionados a questões culturais, filosóficas, econômicas e, muitas vezes, religiosas. A partir de uma perspectiva social e histórica, o autor conclui que não existe somente uma infância, mas várias:

Atualmente, no Ocidente, acabamos realmente por associar a infância, em termos gerais, a características como inocência, a vulnerabilidade e a assexualidade, enquanto pessoas em lugares como, digamos, as favelas da América Latina ou regiões devastadas pela guerra da África, provavelmente não o fariam (HEYWOOD, 2004, p. 12).

Dessa forma, ao analisarmos narrativas de vida, e mormente memórias de infância, temos de levar em conta que o “eu-narrador-adulto”

apresenta-nos uma *representação* da sua infância a partir de lembranças construídas, factuais ou ficcionais, de determinado contexto de produção, social e familiar, e, por que não, diante da expectativa da avaliação positiva de seus interlocutores.

Análise: Fórum-EaD-Memórias de leitura

Como dissemos anteriormente, o fórum em questão durou cerca de dois meses e teve a participação de 108 alunos de vários semestres, de diferentes regiões do Brasil, cuja faixa etária variava de 18 a 60 anos de idade.⁹ Desses 108 alunos, seis relataram não se lembrar do que tinham lido, e dois disseram que tiveram contato com a leitura somente na fase adulta. Foram alunos do curso de Letras EaD nas modalidades Português, Português/Inglês e Português/Espanhol. Semanalmente acessávamos o fórum para interagir com os alunos, comentando suas respostas e incitando-os a desenvolver suas narrativas de vida com mais detalhes.

Há de se pensar que alunos que optam por cursar Letras tenham uma relação positiva e frutífera com a leitura, exemplos de leitores que formarão futuros leitores, como professores, tradutores, escritores, revisores, entre outras frentes profissionais.

Contudo, de forma generalizada, essa situação não se concretiza, principalmente pelo nível socioeconômico das famílias das quais advêm os alunos de Letras, o que compromete, muitas vezes, seu acesso à leitura e aos bens culturais. Mesmo a leitura sendo valorizada em suas famílias, o que nem sempre acontece, o acesso aos livros não fluiu naturalmente para esses jovens, cabendo à escola não só a disponibilização de livros, mas também um trabalho efetivo de formação do leitor. A partir dessa constatação, optamos por usar o exemplo das memórias de José

Saramago para que os alunos não se sentissem desconfortáveis em revelar, se fosse o caso, seu pouco contato com a leitura, assim como ocorrera com o autor português.

Em sua maioria, os alunos que participaram do fórum relataram alguma lembrança de suas primeiras leituras, apesar de muitas vezes não se recordarem do nome dos autores ou mesmo dos títulos lidos. Notamos que, para além dos nomes, as capas e as ilustrações coloridas constituem-se em memórias mais nítidas.

Como era de esperar, em uma cultura letrada como a nossa, o objeto livro é valorizado (ou supervalorizado?) e considerado como a única ou a “mais apropriada” porta de entrada para a leitura e para o mundo da imaginação. Vejamos, por exemplo, o relato a seguir:

As minhas lembranças das primeiras leituras também não são as melhores, eu nasci e fui criado no sítio e desta maneira eu não tinha acesso a bibliotecas. A minha única fonte de informação era o rádio, que diga-se de passagem, não tinha comparação com o de hoje. Como eu sou nordestino, nessa época se divulgava muito a literatura de cordel, lembro-me de alguns folhetos como: A princesa da pedra fina, Jerônimo o herói do sertão, e outros folhetos de cangaceiros, outros religiosos. São essas as minhas primeiras lembranças e talvez por ter ouvido primeiro esse gênero literário em poesia, é que sempre gostei da literatura, inclusive escrevo e participo de alguns concursos literários, já fui até reconhecido em alguns deles. São essas as minhas lembranças que eu gostaria de compartilhar.

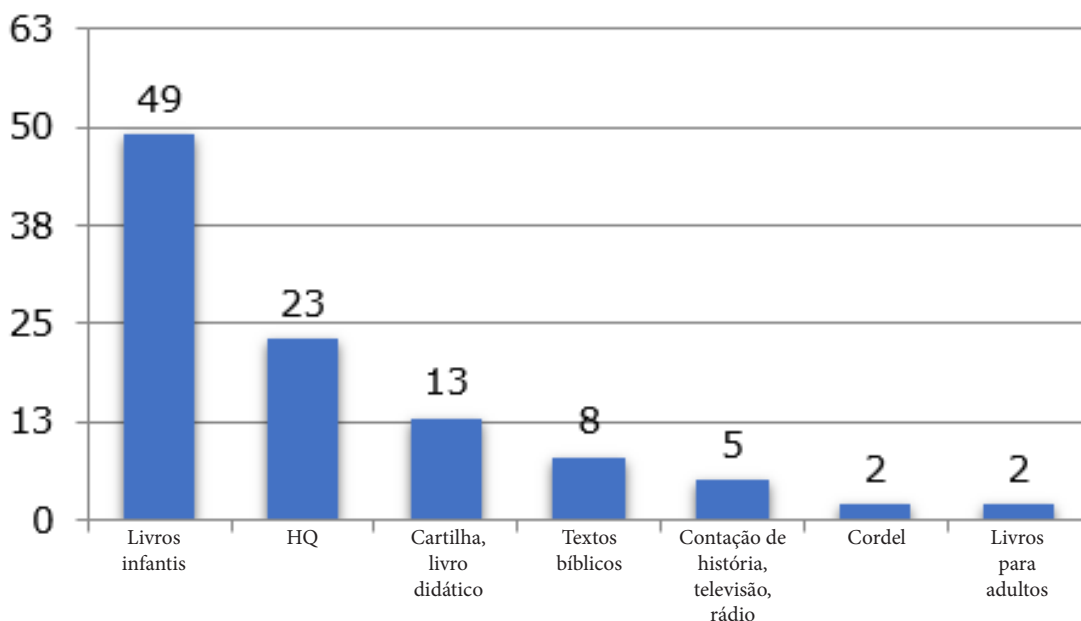
Observemos que, apesar de o aluno ter uma base cultural riquíssima, ele estabelece um juízo de valor negativo para a sua experiência; “as minhas lembranças das primeiras leituras também não são as melhores”; e lamenta não ter tido aces-

⁹ O objetivo do fórum não era mapear regiões ou estabelecer faixas etárias. Alguns alunos informaram livremente a região a que pertenciam e mesmo a sua idade. Há alunos dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraíba, Brasília, entre outros.

so às bibliotecas e “somente” ao cordel. Infelizmente, este não foi o único caso em que o aluno subestimou seu contato com a efabulação.

Ao relatar suas experiências de leitura, 102 alunos citaram alguns livros infantis; histórias

em quadrinhos; textos nos livros didáticos ou cartilhas; textos bíblicos (Bíblia, revistas); contato com as narrativas orais por meio de contação de histórias, televisão e rádio; literatura de cordel; livros para adultos; e jornais. Vejamos o gráfico a seguir:



Fórum
102 alunos do curso de Letras EaD
Gráfico 1 – Suportes citados em números

É importante esclarecer que boa parte dos alunos citou mais de um suporte, como livros e histórias em quadrinhos; textos bíblicos e quadrinhos; livros e contação de histórias. Para tabulação, optamos por considerar o suporte mais enfatizado em seus relatos.

Como podemos observar no gráfico a seguir, a maioria dos alunos citou outros suportes ou formas de contato com o mundo da efabulação além dos livros para crianças:

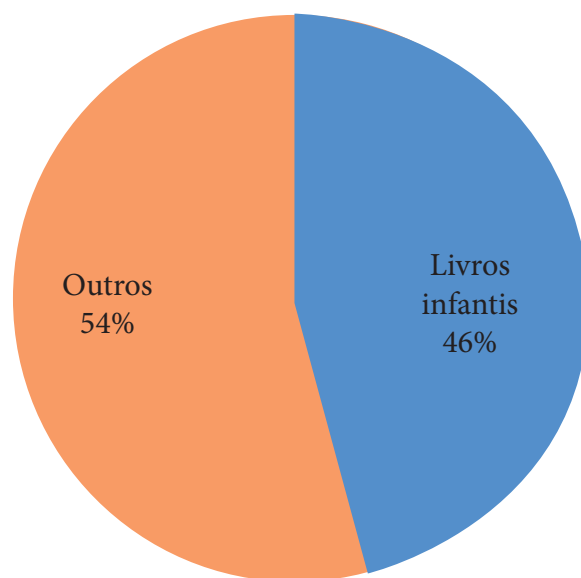


Gráfico 2 – Suportes citados em porcentagem

Dos 49 alunos que citaram a leitura de livros infantis, cerca de 50% destacaram o incentivo à leitura em suas famílias. A outra metade admitiu que teve acesso à leitura somente nas escolas e bibliotecas.

Chamou-nos a atenção a grande quantidade de alunos que citaram as histórias em quadrinhos, compradas pelos pais, compartilhadas pelos amigos ou “roubadas” dos irmãos, lidas nos orfanatos, nas bibliotecas das escolas, com ênfase nas histórias da Turma da Mônica:

Desde muito pequena tive interesse em histórias em quadrinhos e revistinhas educativas. Ainda me lembro de como eu ficava feliz com a chegada das revistinhas que eu tanto amava: *Nosso Amiguinho*. Era uma alegria sem tamanho quando o entregador jogava o pacotinho no quintal. [...] Minha educação foi positivamente influenciada pelas tais revistinhas. Senti muito quando não pudemos mais pagar pela assinatura... Continuei esperando meses pelas revistinhas até que um dia meu pai me contou que não assinaria mais. Como não citar a minha turminha favorita? *Turma da Mônica!* Um dos poucos momentos de contato direto com meu pai era quando íamos trocar gibis em sebos.¹⁰

Como podemos observar nesse relato, as memórias de leitura aliam-se às memórias afetivas. Vários alunos citam a família, principalmente a mãe e os avós, como responsável por sua iniciação na leitura literária, por meio, inclusive, da contação de histórias:

Lembro-me que meus avós contavam ou liam histórias infantis para mim. Eram sempre as mesmas, mas isso não tinha a menor importância porque esses momentos me fascinavam. A minha avó sempre dava um tom engraçado a alguma parte e isso tornava-se um atrativo ainda maior, que sempre fazia com que eu quisesse ouvi-la outra vez, e mais outra... O meu avô havia inventado três histórias, que ele contava para minha mãe quando

criança, depois para mim e, mais tarde, para a minha irmã. Às vezes transformava algum capítulo do “Cuore” numa narrativa bem bonita e interessante. Lembro-me dos seus olhos azuis marejados, nesses momentos.¹¹

Outros alunos destacaram a importância dos livros didáticos, das cartilhas, da escola e dos professores para sua iniciação na leitura literária, já que muitos não possuíam o hábito de leitura em suas casas ou mesmo condições financeiras para adquirir livros:

Num instante eu já estava no primeiro ano do então Curso Primário e... sabia ler! Logo comecei a ganhar meus primeiros livrinhos infantis. *A Formiguinha, O Melhor Lugar do Mundo, O Porquinho Dorminhoco, O Pintinho Vadio*. Os trechos eram curtos (que para mim eram muito longos), porém com enredos muito bem urdidos, que prendiam a atenção e que eram um incentivo para que a leitura fosse concluída. Na escola, havia leitura no currículo: leitura, leitura oral, leitura silenciosa. E, a cada ano, os livros se multiplicavam, dando início a uma pequenina biblioteca, que sempre se expandiu, formada pelos livros escolares e pelos que ganhávamos. Um pouco maior li *Mogli, o Menino das Selvas, Memórias de um Burro, Contos de Grimm, Fábulas de La Fontaine, Fábulas de Esopo*.

Houve muitos que citaram contos de fadas (*Branca de Neve, Os Três Porquinhos*, entre outros); clássicos da Literatura Infantil, antigos e mais contemporâneos (Edmondo de Amicis, Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Viriato Corrêa, Daniel Defoe, Vinícius de Moraes, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo, Sylvia Ortof, Júlio Emílio Braz, Adriana Falcão); muitos livros da Série Vaga-lume (*Um Cadáver Ouve Rádio, O Caso da Borboleta Atíria, A Ilha Perdida*, entre outros), sucesso desde os anos de 1970; alguns títulos clássicos, como *Drácula, O Médico e o Monstro, O Velho e o Mar e Meu Pé de Laranja Lima*.

¹⁰ A revista *Nosso Amiguinho* tem sido publicada há mais de cinquenta anos pela Casa Publicadora Brasileira (CPB), seguindo a doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

¹¹ Esta narrativa pertence a uma aluna de 60 anos de origem italiana, moradora da cidade de São Paulo.

Alguns alunos, no entanto, revelaram que tiveram pouco ou nenhum contato com a leitura durante a infância, o que ocorreu somente na fase adulta, por meio de jornais e revistas:

Nasci em um bairro de periferia na Grande São Paulo. Como alguns colegas já citaram, as práticas e brincadeiras, pouco ou nada tinha a ver com livros. Na verdade, isso é lamentável porque foi que muitos dos meus amigos de infância acabaram caindo na marginalidade. Meu primeiro contato com a leitura após a fase escolar nem foi com livros, mas com revistas e jornais que havia em uma empresa na qual trabalhei. Apesar de ter começado tarde, passei a me interessar pela leitura que deixou de se restringir a jornais e revistas, e passou a incluir, também, os livros. Foi aí, então, que surgiu o interesse em fazer cursos, e por fim a faculdade.

Ou mesmo livros de autoajuda:

Na minha infância, nunca tive contato com livros, comecei a ter contato com livros na juventude. O que me fez gostar de leituras e me motivou a voltar a estudar e sonhar com novos horizontes foi o livro de Augusto Cury, *Nunca Desista de Seus Sonhos*.

Como pudemos observar, os alunos comparilharam lembranças das mais variadas, constituindo perfis muito diversos, havendo como ponto de intersecção o fato de cursarem Letras na modalidade a distância. Há diferentes níveis socioeconômicos, localidades, contextos familiares e culturais e mesmo faixas etárias, o que por si só já demonstra que há diferentes representações de infância. Considerando o sistema educacional e as produções para criança citadas, temos relatos que se situam nas décadas de 1970, 1980 e, principalmente, na década de 1990 e no início dos anos 2000.¹²

É preciso também considerar o quanto esses relatos foram construídos por fatores internos ou externos a seus narradores. Colocando-nos no lugar de um aluno de Letras que não leu na

infância e mesmo não lê atualmente, como dizer isso em um fórum acompanhado por colegas e professores? Difícil saber. Apesar de tal variedade e dúvidas, podemos apontar algumas conclusões preliminares.

Considerações finais

A despeito da pequena mostra, pudemos perceber que o acesso à Literatura Infantil não se constitui em uma unanimidade para os alunos do curso de Letras, bem ao contrário. Há vários fatores que contribuem para a formação do leitor, os quais muitos desses alunos não vivenciaram: a valorização da leitura e o acesso fácil aos livros; familiares leitores envolvidos e comprometidos com os hábitos de leitura; e políticas públicas e projetos escolares consistentes.

Ficou claro que o contato com o mundo da imaginação se faz por outros meios além da Literatura Infantil, a qual foi, por muito tempo, um privilégio das elites. As crianças das classes mais pobres, generalizando-se, não tinham (ou não têm) acesso à literatura, mas nem por isso ficaram à parte do mundo da imaginação, cercadas de brincadeiras, contação de histórias, literatura de cordel e muitas histórias em quadrinhos. Infelizmente, muitos desvalorizam sua experiência leitora diante de uma cultura letrada que ainda coloca o livro como o único acesso para a leitura.

A partir da década de 1990, com uma nova Lei de Diretrizes e Bases, pudemos observar uma maior oferta de leitura, mas nem por isso uma maior formação de leitores, já que não basta disponibilizar livros, é preciso pensar em como explorá-los e motivar a leitura.

Casas sem livros, famílias que não leem, escolas que obrigam... Há, mesmo assim, aqueles que se tornaram leitores literários, por influência de um amigo, um parente, mas podemos considerá-los como exceções.

¹² Um aluno de Letras com 18 anos teria nascido em 1999 e passado sua infância na primeira década do século XXI.

Crianças com menos poder aquisitivo, como foi o caso de José Saramago, entraram para o mundo da efabulação por outros caminhos. É bastante significativo o número de alunos que destacam as histórias em quadrinhos como sua principal fonte de leitura. Há os que citam ainda a contação de histórias, o rádio, a televisão e as brincadeiras de rua. Vale destacar que a Bíblia foi citada muitas vezes como “o único livro que havia em casa”.

A partir do exposto, consideramos necessário prosseguir em nossas pesquisas e quebrar certos paradigmas ao incluir outros objetos culturais, além dos livros, na formação dos leitores, considerando que há diferentes concepções de infância e outros caminhos para entender a formação e o percurso da Literatura Infantil brasileira.

Cabe, portanto, a nós, professores do curso de Letras, apresentar e valorizar esses diferentes caminhos, tão ricos e pouco explorados, para nossos alunos, futuros formadores de leitores.

Referências

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRUNER, J. *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. Tradução Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CANETTI, E. *A língua absolvida*. Tradução Kurt Jahn. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Tradução Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2004.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução Jovita M. G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

REMÉDIOS, M. L. *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SARAMAGO, J. *As pequenas memórias*. Lisboa: Caminho, 2006.

Anexo 1 – Proposta do Fórum

Olá, alunos!

Vocês já estudaram ou irão estudar o grande escritor português José Saramago. Pois vocês sabiam que esse autor, Prêmio Nobel de Literatura, viveu em uma casa sem livros em que a leitura não era valorizada? Literatura Infantil nem pensar.

Em sua infância e adolescência, Saramago teve sua imaginação alimentada pelas histórias da tradição oral, pelas contações de histórias, pelos filmes mudos do cinema nos anos de 1930 e pelos programas de rádio. Sua primeira leitura literária foi um livro para adultos que pertencia a uma senhora de sua convivência. Veja um dos depoimentos do autor:

Ora, aconteceu que nessa casa onde não havia livros, um livro havia, um só, grosso, encadernado, salvo erro em azul-celeste, que chamava *A Toutinegra do Moinho* e cujo autor, se a minha memória ainda esta vez acerta, era Émile Richebourg [...] habilíssima pessoa na arte de explorar pela palavra os corações sensíveis e os sentimentalismos mais arrebatados [...] Este romance iria tornar-se na minha primeira grande experiência de leitor (*Pequenas Memórias*, de José Saramago, 2006, p. 99).

E vocês? Têm lembranças de suas primeiras leituras? Eram livros para crianças? Como eram as histórias? Havia ilustrações? Conte-nos um pouquinho sobre suas memórias de leitura e seus primeiros contatos com o mundo da imaginação.

Esperamos sua participação!

Fonte: <<http://www3.unip.br/ead/>>. Período: 9 a 19 de outubro de 2015.

(Acessam o fórum somente professores e alunos cadastrados.)